

RAÍZES AGROECOLÓGICAS: A AGRICULTURA FAMILIAR ALAVANCADA POR MULHERES NEGRAS ORIUNDAS DO QUILOMBO URBANO DO LARGO DA VITÓRIA-BAHIA

Cleber Lúcio Sousa Santos¹
Vandelucia Ferreira da Silva Boa Sorte²
Adriana Cruz Veiga³

Resumo

Esse trabalho objetiva evidenciar as vivências, experiências e práticas produtivas de alimentos, gestadas nas técnicas agroecológicas empreendidas na comunidade Cigano/Carro Quebrado, localizada na microrregião de Riacho de Santana-BA. Trata-se de uma pesquisa indutiva e etnográfica, sobre as ações de um coletivo de mulheres (irmãs) e suas respectivas famílias. Tal coletivo tem ligação com o Quilombo Urbano do Largo da Vitória, espaço de resistência em que habitou seus ancestrais. O projeto chamado União de Produção Solidária, para além da economia de subsistência fortalece as relações identitárias, pois o espaço de plantio e colheita, um terreno herdado pela família, está situado na comunidade onde ocorreu a criação, formação e desenvolvimento das agricultoras. Seguindo a tradição dos seus pais que cultivavam alimentos sem agrotóxicos, essas mulheres rememoram causos e cantigas, que o tempo não apagou. O manejo do solo é feito com enxada e a priori a colheita é para consumo das famílias. Nesse processo, as crianças também ocupam suas atividades, sendo uma metodologia para compreenderem os valores e significados que a natureza representa na vida humana e na dinâmica socioeconômica e ambiental dos atores sociais.

Palavras-Chave: Agricultura. Agroecologia. Alimentação. Etnografia. Identidade.

Introdução

¹Faculdade de Ciência, Tecnologia e Educação – FACITE, Especialista em Docência Universitária, Faculdade de Ciência, Tecnologia e Educação (FACITE). Membro do Grupo de pesquisa: OjuObinrin-Observatório de Mulheres Negras (UESB-CNPq). Professor no Centro Territorial de Educação Profissional da Bacia do Rio Corrente – CETEP, Santa Maria da Vitória, Bahia, Brasil. E-mail: clebersantos.adm@hotmail.com

²Mestranda na Universidade Federal da Bahia (UFBA)- Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (PPGNEIM). Professora no Centro Territorial de Educação Profissional da Bacia do Rio Corrente – CETEP, .E-mail: wandarisan@gmail.com

³Mestre em Geografia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Professora no Centro Territorial de Educação Profissional da Bacia do Rio Corrente – CETEP, Santa Maria da Vitória, Bahia, Brasil membro do Núcleo de Análise em Memória Social e Espaço – NUAMSE da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. acruzveiga@gmail.com

Há oito anos, as agricultoras familiares organizadas por irmãs, filhas, sobrinhas e netas/os têm planejado um modelo de existir e coexistir que rompe com a lógica de produção imposta pelo modelo da colonialidade e reafirmada pelo sistema capitalista. Essas trabalhadoras têm se dedicado às produções e cultivos agroecológicos de alimentos, formando o projeto União de Produção Solidária, desde o ano de 2020, no interior do município de Riacho de Santana, localizado na região sudoeste da Bahia.

Estas mulheres possuem em comum o pertencimento também a comunidade quilombola urbana² conhecida como Comunidade Quilombola do Lardo da Vitória, sendo um agrupamento dos primeiros moradores urbanos do município, desde o período colonial. Os antepassados do/as quilombolas atuaram nas mais diferentes ocupações de trabalho e que foram essenciais para a construção da cidade de Riacho de Santana.

Desse modo, este trabalho busca apresentar o projeto de produção agroecológica do grupo de mulheres oriundas do quilombo urbano Largo da Vitória que enxergaram as potencialidades do trabalho com a terra tanto para a produção voltada para subsistência, quanto para a comercialização do excedente.

Este movimento de estabelecer relações de produção no campo com novas relações de territorialização e reterritorialização, sobretudo pautado no cultivo de alimentos orgânicos, caminha na contramão do movimento do sistema capitalista que cada vez mais diminui a proximidade dos sujeitos com o que consomem. Para sustentar essa análise, buscamos suporte nas seguintes categorias: agroecologia, agricultura familiar, alimentos tradicionais e território, sendo que os principais autores utilizados foram: Gomes (2003), Lugones (2014), Menezes (2009), Claval (1995), Pandolfo (2014), Primavesi (2009) e Santos (2000).

Territorialização e a construção do projeto União de Produção Solidária

O protagonismo ideológico e capital intelectual empregados no projeto advém de quatro professoras de formação, sendo: Vera Lúcia Sousa Silva Santos, professora aposentada com mais de 30 anos de serviços prestados na Escola Família Agrícola – EFA, de Riacho de Santana;

²O município de Riacho de Santana possui outras oito comunidades quilombolas que se localizam na zona rural.



Marilene Sousa Silva que exerceu atividade docente na EFA, município de Boquira; Marilúcia Sousa Silva que exerceu atividade docente na EFA, município de Paramirim, mas optou por retornar à cidade natal para cuidar dos pais já idosos(hoje atua como professora da rede municipal); Edileusa Sousa Silva Novaes agente comunitária de saúde; Deborah Murielle Sousa Santos, filha de Vera, bacharel em agroecologia e professora da EFA de primeiro grau, no município de Riacho de Santana e Letícia Maria Silva Alves, estudante do 2º ano da Associação Beneficente Promocional Agrícola de Riacho de Santana - ABEPARS, na cidade de Riacho de Santana.

Na comunidade que compõe uma boa extensão de terra, corre o principal rio do município, o Rio da Santana que, ao longo do seu trajeto une-se ao Rio do Boqueirão e forma o Rio do Cigano, esse que nas últimas décadas, se tornou temporário, dada as questões climáticas aliadas a má ação humana com desmatamentos e queimadas constantes para grande extração de carvão.

Propriedade particular da família, o terreno onde é realizado as atividades foi obtido como herança pelas irmãs, e um irmão que não compõe o projeto, onde desde a infância foi um local de produção e cultivo de alimentos para subsistência durante muitos anos. O Projeto também proporciona a consolidação das memórias e fortalecimento da identidade dessa família. Segundo Gomes (2003), a identidade negra é entendida, como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial sobre si mesmos, a partir da relação com o outro.

De acordo com uma das participantes do projeto, os benefícios do trabalho não se limitam a produção de alimentos, pois:

[...] todo mundo está muito feliz, todo mundo está muito bem, inclusive de saúde mental mesmo, porque você está trabalhando na terra dentro da sua propriedade, você trabalha no coletivo, cantando cantigas de roda, resgatando, existe uma riqueza muito grande no sentido do resgate cultural também, por que coisas, por exemplo, que minha mãe e tias faziam, cantavam quando elas eram crianças, do nada elas começam cantar e contar histórias. (Débora Santos, participante e idealizadora do projeto, 2021)

Percebe-se que o projeto tem desencadeado uma nova forma de se perceber no mundo, seja de forma subjetiva e coletiva que reverbera em uma resistência de dentro, não de um ponto



de vista de um individualismo, mas do comunalismo transformador de si, da/o outra/o, do local e automaticamente do universal (LUGONES, 2014).

A economia solidária e social tem se destacado, nesse contexto, também como formas criativas e transformadoras na promoção do desenvolvimento econômico, aliadas a valores de cidadania, emancipação, bem-estar e saúde da população, do meio ambiente e produção sustentável na comunidade do Carro Quebrado ou Comunidade Cigano, como popularmente é conhecida.

As mulheres do projeto União de Produção Solidária ao voltar para o campo para atuar na agricultura familiar e retomar os modos de produção tradicionais da família inserem-se num processo que pode ser entendido como territorialização, desterritorialização e reterritorialização, como defende Haesbaert (2007). Assim como toda produção do conhecimento, o conceito de território não é algo estático, pelo contrário, a construção acompanha as transformações das relações sociais e como estas relações se estabelecem no espaço geográfico sendo possível dizer que o território é o resultado das interações sociais no espaço de acordo com o tempo.

Nesse caso, seria uma produção do homem para si mesmo, não algo que lhe fora dado e é nesse movimento contínuo de produção do seu território que Saquet (2007, p. 81) afirma que ele “[...] é considerado produto histórico de mudanças e permanências ocorridas no ambiente no qual se desenvolve uma sociedade”.

O território é apropriado e construído socialmente, resultado e condição do processo de territorialização; é produto do processo de apropriação e domínio social, cotidianamente, inscrevendo-se num campo de poder, de relações socioespaciais, nas quais, a natureza exterior ao homem está presente de diferentes maneiras [...] (SAQUET, 2007, p. 58)

É possível dizer que o processo de territorialização ocorre com a ação dos sujeitos no espaço com seu modo de agir, reproduzir, trabalhar e construir suas relações sociais, ao longo dos mais diversos períodos históricos. Conforme Saquet (2007) não existe território sem sujeitos, pois este é produzido historicamente por diversas dimensões que são a economia, a política, a cultura e a natureza que por sua vez, são elementos que surgem com as interações humanas em dado espaço.



As integrantes do projeto União de Produção Solidária em seu movimento de retorno à terra que viveram na infância ilustram a construção do território que se faz em um processo dinâmico. Os antepassados dessas mulheres formaram o quilombo em uma área que se tornaria urbana ainda no período colonial e, aos poucos, com os ganhos advindos do trabalho naquele espaço, as famílias passaram a adquirir terras no campo, afinal naquele período a posse de terras eram as possibilidades de ter acesso a produção do seu próprio alimento.

Estas famílias, ao chegarem no campo, reterritorializa aquele espaço atuando na agricultura e na pecuária. Porém, já no século XX, a necessidade da busca por melhores condições de vida que o campo já não dava conta diante do movimento do sistema capitalista que promovia a urbanização e na busca por escolarização, muitas dessas famílias partem para as cidades (Riacho de Santana e cidades vizinhas) promovendo a desterritorialização provisória e estabelecendo novas relações em outros territórios (HAESBAERT, 2007).

Entretanto, desde os anos 2000, estes/as sujeitos/as retomam a vida no campo trazendo novos conhecimentos, mas pautados nas bases que construíram com suas famílias no passado. Agora, com o projeto União de Produção Solidária há novas territorialidades que são pensadas para a produção de alimentos para a subsistência e que geram também renda e fortalecimento com o seu lugar de origem. Trata-se, portanto, de sujeitos que, coletivamente, criam uma “economia territorializada, uma cultura territorializada” (SANTOS, 2010, p.144) e, conforme Menezes (2013)

Tais movimentos são reafirmados pelos atores que resistem e defendem a integridade de seu território, condicionam a permanência do cerne identitário, visto que conservam a essência cultural e histórica apesar da inegável intensificação dos processos territorializantes, desterritorializantes e reterritorializantes que acometem a atual dinâmica do mundo globalizado. Assim, é perceptível a resistência de representações materiais e imateriais evidenciadas na preservação de valores, saberes, conhecimentos, modo de viver [...].

O território, nesse sentido é apropriado pelos sujeitos e segundo Menezes (2013, p. 124), torna-se palco “[...] de resistência em meio às continuidades e discontinuidades que se efetivam e renovam cotidianamente”. O projeto em questão é neste trabalho entendido como resistência, uma vez que se constrói na contramão do movimento capitalista que cada vez mais transforma o alimento em mercadoria e transforma o processo produtivo em atividades industriais que cada vez mais degrada o meio ambiente.

Agroecologia e a ramificação dos saberes entre gerações.

O desenvolvimento do projeto estabelece, a partir da resistência, uma relação social/ambiental de respeito à vida e à terra que produz, prioritariamente para o consumo das suas famílias e somente o excedente é levado para comercialização na feira popular do município, um processo que consegue:

[...] Manter modos criativos de reflexão, comportamento e relacionamento que são antitéticos à lógica do capital. Sujeito, relações, fundamentos e possibilidades são transformados continuamente, encarnando uma trama desde o lócus fraturado que constitui uma recriação criativa, povoada. (LUGONES, 2014, p. 948/949)

O palco onde as famílias vivenciam essa perspectiva diferente de ser-estar-atuar no mundo, está localizado a sete quilômetros da área urbana, um percurso que, no passado (década de 70/80), era feito a pé para terem acesso à escola. Todos os dias as quatro irmãs e os moradores da Comunidade se deslocavam até o centro da cidade e retornavam para atuar nas atividades laborais comuns a produção agrícola da população do campo. Vale dizer que, de acordo o decreto 7.352/2010 - Art. 1 a população do campo é definida por:

Agricultores familiares, os extrativistas, os pescadores artesanais, os ribeirinhos, os assentados e acampados da reforma agrária, os trabalhadores assalariados rurais, os quilombolas, as caiçaras, os povos da floresta, os caboclos e outros que produzam suas condições materiais de existência a partir do trabalho no meio rural (BRASIL, 2010, s/p)

Oriundas de uma educação e formação no campo, as proponentes do projeto desenvolvem suas estratégias de manejo baseados nos ensinamentos adquiridos pela sua ancestralidade, enquanto fonte de saberes aplicados/veis de forma empírica. Assim, as/os agricultoras/es além de conhecerem, respeitam o bioma caatinga e dão sequência aos hábitos tradicionais de produção sustentável da família. Leal, et al. (2005, p.3), indicam que, “caatinga” é de origem Tupi-Guarani e significa “floresta branca”, que certamente caracteriza bem o aspecto da vegetação na estação seca [...] e apenas os troncos brancos e brilhosos das árvores e arbustos permanecem na paisagem seca”.

Bioma esse, considerado como a maior área contínua de florestas secas, de diversidade socioambiental bastante própria no município e que acolhe diversos grupos sociais (como modo

de vida distinto), mas não menos preocupados em manter os cuidados com o manejo, conservação e preservação do solo.

Menezes (2009) afirma que, as produções pautadas nas atividades tradicionais possibilitam um norteamento na vida dos sujeitos que transformarão produtos com valor de uso para valor de troca. Confiantes na adaptação das sementes ao solo, as produtoras selecionam, separam e guardam os grãos em recipientes com boa vedação para manter a qualidade das sementeiras que, além de serem utilizados na alimentação serão utilizadas para compor futuras lavouras.

Diversas gerações de agricultores têm selecionado e conservado sementes de diferentes cultivares, gerando e mantendo, assim variedades que possuem uma boa adaptação ao local de origem. Recursos esses valiosos por representarem um produto da interação evolutiva entre um vegetal e seu meio, passando pelo conhecimento humano, desde tempos imemoriais. A conservação dessas sementes em seus locais de ocorrência – in situ – é de extrema importância contra erosão dos recursos genéticos e a perda da biodiversidade, e para a manutenção da soberania alimentar local, contribuindo para a preservação do patrimônio histórico-cultural de grupos locais, em suas dimensões material e imaterial. (SANTOS; QUINTERO. 2018, p. 37).

São produtos naturais que respeitam a sustentabilidade econômica, ecológica e social. o/a agricultor/a utiliza práticas que conservam e preservam o solo, a água e a biodiversidade. Além disso, não se usa material químico sintético como agrotóxicos e adubos, muito menos sementes transgênicas. Na figura 1, são apresentadas as sementes colhidas na safra de 2020/2021 armazenadas em garrafas “pet”, potes e embalagens de plásticos para evitar que o produto estrague.

Produzir para alimentar a família é a primeira finalidade das guardiãs de Sementes, o autoconsumo garante o mínimo para a reprodução de uma vida digna no dia a dia. O segundo destino são as doações e trocas com a vizinhança, traço marcante na solidariedade camponesa. (SANTOS; FILHO, 2020, p. 364).

Figura 1- Sementes escolhidas por Vera Lúcia S. Santos, safra do ano de 2020/2021, Riacho de Santana, Bahia.



Fonte: Acervo pessoal de Vera Lúcia Sousa Silva Santos

A forma de armazenamento apresentada na figura 1 reforça as características do modo de produção artesanal e dos modos de produção que são repassados por geração. Nesse sentido Claval (1995) diz que é pela cultura ou por meio de atributos culturais que os sujeitos sociais estabelecem a sua mediação com o mundo e constroem um modo de vida particular que irá permitir também o fortalecimento de suas relações com o território.

As sementes crioulas são conceituadas como as variedades que passaram por processos de melhoramento tradicional, sendo manejadas por camponeses e povos tradicionais por meio de uma seleção dirigida e adaptada às condições ambientais locais, ou ainda, como aquelas sementes herdadas dos antepassados que as mantiveram com formas tradicionais de manejo e uso. (SANTOS; RAMOS FILHO, p. 356, 2020).

Não somente o produto é levado em conta, mas também os/as sujeitos/as que produz, visto que a cultura alimentar consiste em hábitos que são passados de geração em geração, em um processo que tem início desde o nascimento e que é construído continuamente. Parte das preferências individuais, experiências positivas e negativas vividas com relação à alimentação que se constitui pela disponibilidade de alimentos, pelo nível socioeconômico, pelas necessidades do ser humano e pela influência da mídia, essa muitas vezes, parceira do capitalismo imergem nos lares o consumo unilateral dos produtos da cadeia do agronegócio.

Para Pinheiro (2018), a alimentação prova que a humanidade permanece dependente da natureza. A evolução ultrassocial na Sociedade Industrial busca substituir essa dependência por suas estruturas.

O projeto, contraria este movimento do capitalismo e envereda para a produção familiar, em que a questão nutricional e do desenvolvimento de bons hábitos alimentares são encarados não só sob o aspecto da carência, mas também, quanto aos excessos inadequados destes hábitos, contraídos a partir de produtos com uma carga excessiva de agrotóxico.

Muitos são os desafios das camponesas e dos camponeses que residem no campo em suas diversas atividades. Garantir uma produção livre das práticas preconizadas pelo agronegócio não tem sido tarefa fácil, pois, ao se difundir, o agronegócio incorporou em seu modelo agricultores familiares, gerando um ciclo de dependência, no qual, para ter acesso a créditos e programas de incentivo à produção, era necessário aderir a pacotes de insumos altamente nocivos [...] tais práticas ocasionaram insegurança alimentar, perda da diversidade produtiva, degradação de áreas agricultáveis entre outros fatores que nos afetam a curto médio e longo prazo. (MEZADRI, et al., 2020 p, 90)

Alimentos envolvem significados sociais, culturais, emocionais e comportamentais, que devem ser considerados quando se trabalha com a temática alimentação. O ato de se alimentar deve ser visto como algo para além da simples oferta de alimentos para o corpo, constituindo também um estímulo ao convívio, que compreende desde a escolha, preparação e consumo dos alimentos até os modos como estes são produzidos. Esse entendimento pode ser encontrado nos ideais presentes na agroecologia, uma vez que esta

[...] se constrói apoiada na valorização dos recursos locais e nas práticas e métodos tradicionais de manejo produtivo dos ecossistemas, e sua evolução como ciência de quando são criadas condições favoráveis para o diálogo e a troca de experiências e saberes. (SANTOS e QUINTERO. 2018, p. 31).

A fala da colaboradora Deborah é amparada nessa ideia, ao dizer que, se consomem alimentos produzidos ali mesmo onde se vive, com base no cuidado com o meio ambiente, nas relações éticas de trabalho e na justiça social, promove-se o desenvolvimento sustentável na/da região.

Economicamente, oferta e demanda de mão de obra, produtos e serviços, alavancaram o fluxo de capital nessa fatia microrregional, o que mitigou, de certa forma o êxodo, movimento comum dos nordestinos em busca de melhores condições de trabalho e vida. Assim, conforme expressa (GONZALEZ e HANSEN BALG. 1982, p.12 e 13), o trabalhador negro participava do mercado de trabalho industrial. Enquanto isso, no campo, desaparecia a pequena propriedade rural para dar lugar à criação de latifúndios.

Para fortalecer o movimento de cultivo e preservação do bioma em seu meio natural, foram necessários estudos e conhecimentos das características do Território de Identidade do Velho Chico, ao qual, Riacho de Santana é pertencente, aliados a análise da capacidade produtiva da terra da comunidade proporcionou um ótimo planejamento e execução do projeto local.

Conforme exprime Deborah (2021),

[...] todos os sábados fazemos o mutirão e esse é justamente para fazermos esses traços, construção de canteiros, plantio, irrigação, e agora finalizando os traços culturais dessa área, a gente já vai pra outra área finalmente fazer a Produção Agroecológica Integrada e Sustentável – PAIS³.

Esta rotina de trabalho também é descrita e enaltecida por Marilúcia, outra integrante do projeto, que relata o dia a dia da seguinte forma:

É importante frisar que nos mutirões a gente tira alguém pra cozinha, no outro dia reveza, nunca fica uma pessoa só, tem um ciclo, e aí após os mutirões uma vez ao mês a gente faz as reuniões, escuta as críticas as sugestões o que está dando certo o que não está dando certo, o que precisa, e aí estamos no processo de construção continua, até hoje as avaliações foram muito positivas, e assim, até o sorriso é diferente, a forma de se observar é diferente.

É possível perceber nos relatos das integrantes que o trabalho coletivo e as trocas entre elas são elementos importantes para fortalecimento das relações interpessoais bem como o vínculo com a terra e a causa em si. Nesse sentido, é preciso retomar o conceito de território, que segundo Santos (2000) se constrói na relação do sujeito com o espaço e, segundo o autor,

O Território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais sobre os quais ele influi. Primeiro fazemos nossas casas, depois elas nos fazem. (SANTOS, 2000, p. 97.).

O sentimento de pertencimento colocado por Santos (2000) é percebido nos discursos das integrantes. Nessa perspectiva constrói-se um ambiente favorável para aprendizagem enquanto um processo social permanente, uma forma de desenvolver os recursos sociais e pessoais necessários para alcançar o estado de bem-estar individual e coletivo.

³A Produção Agroecológica Integrada e Sustentável (PAIS) é um modelo de tecnologia que melhora a qualidade de vida de trabalhadores rurais, pois promove inclusão social e geração de renda para comunidades do campo. Fonte: Sebrae, 2021.



Sobre o projeto, Deborah (2021) imprime que as avaliações são positivas e existe uma relação do fortalecimento das relações sociais também, de entender o consumidor, “mas também das relações familiares enquanto sujeita/o e também está começando aquele processo de nos entender enquanto sujeitas/os pertencentes da terra também, enquanto natureza e ser a partir dela”. Nesse sentido, diz-se que

[...] o homem é o que a terra ou se quiser o solo, faz dele ou seja o que ele recebe através de sua alimentação. Portanto o solo tem de ser sadio, ou seja, com equilíbrio entre todos seus fatores, bem agregado para que ar e água possam penetrar, e limpo, isto é, sem substâncias tóxicas. E como o solo é o bem mais precioso do nosso Planeta ele deveria receber toda atenção, todo cuidado e todo amor (PRIMAVESI, 2009, p. 6 e 7).

Essa relação com a terra de cuidado e troca pode ser demonstrada na figura 2, onde uma das participantes faz a limpeza do solo de modo manual, com apenas a enxada, sendo um processo menos agressivo ao solo.

Figura 2- Limpeza da área para construção de canteiros de hortaliças, Riacho de Santana, 2021.



Fonte: Acervo pessoal de Vera Lúcia Sousa Silva Santos

A capina demonstrada na figura acima é o mecanismo utilizado no preparo do solo e todo “mato” obtido na limpeza do terreno é revestido como cobertura do mesmo, assim a biodiversidade e as matérias orgânicas são devolvidas ao espaço de produção e cultivo. Com isso, absorve o macro e micronutrientes que proporcionará uma produção saudável e sem adubo químico sintético, conforme Primavesi é o ato de agregar o solo,



Para isso se necessita o suficiente em matéria orgânica, sendo especialmente ativos todos os tipos de palhada e restolhos, raízes de capins, mas também adubação verde especialmente quando por algum tempo, em forma roçada, cobre o solo com uma camada protetora e compostos. (PRIMAVESI, 2009, p.13).

Este trabalho quase que manual e de muito contato com a terra também permite que esta seja preparada com mais cuidado e permite que envolva muitas pessoas no processo, onde saberes são transmitidos e repassados entre gerações. A figura 3 retrata as integrantes do projeto com seus companheiros⁴ e filhos neste ato de tratar o solo e prepará-lo para a plantação, o que permite que os conhecimentos construídos nestes momentos sejam perpetuados ao longo do tempo.

Figura 3- Traçado para construção dos canteiros de hortaliças, Riacho de Santana, 2021.



Foto: Acervo pessoal de Vera Lúcia Sousa Silva Santos

A imagem ainda revela que, um bom planejamento das atividades, favorece a formação de competências de autocuidado e o aprendizado de regras sociais pelas crianças, jovens e adolescentes que iniciam a construção das suas identidades. Hall (2006), afirma que o sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o "eu real", mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais "exteriores" e as identidades que esses mundos oferecem. Desse modo, são ampliadas/os as possibilidades de controle sobre as suas condições de saúde, e respeito mútuo e ao nicho ecológico no qual estão inseridos. Ainda para Hall,

[...] o sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente,

⁴ Embora a ideia inicial e quase toda execução do projeto seja das seis mulheres, os demais integrantes de suas famílias colaboram também em algumas atividades, fortalecendo as ações do grupo.

mas era formado na relação com "outras pessoas importantes para ele", que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos - a cultura - dos mundos que ele/ela habitava. (HALL, 2006, p. 11).

Como apresentado na figura 2, o processo de observação imergido pela criança, agachada ao lado esquerdo, e o seu contato diário com a lida nos espaços de intervenção e construção social, aliados a educação escolar e do campo serão molas propulsoras para colheita de ótimos frutos, na construção de gerações pautadas no respeito e agradecimento ao meio ambiente. É nesse sentido que Quinteiro (2013), afirma que a Etnociências vem corroborar com o diálogo entre os saberes acadêmicos/científico e popular/tradicional.

Em um processo de aliança com a memória, os saberes são constituídos, fortalecidos e ramificados sob o viés da agroecologia, cujos valores implicam reconstruir hábitos, práticas e consumos de alimentos naturais, saudáveis produzidos com base na matéria orgânica extraída do próprio solo.

Resultados e discussões

O percurso formativo do projeto alicerça nas memórias remetidas as vivência e aprendizagens não escolares, sobre o terreno, clima e período de adaptação da(s) lavouras passadas pelos ancestrais das proponentes. Porém, com o passar dos anos, em função das mudanças climáticas, fatores socioeconômica e epistemológica que ocasionou redução da produção, as irmãs migraram para outras cidades e exerceram atividades docentes em várias escolas agrícolas na Bahia, o que as proporcionou, múltiplos saberes no que tange a agroecologia, agricultura familiar e de subsistência, etc, que são praticadas no projeto

Todo o acúmulo desses saberes construídos na/com as suas comunidades na articulação teórico-prática dessas mulheres, possibilitaram a elas formas de sobrevivência criativa alternativa e de guardiãs das suas culturas, como uma espiga de milho – um órgão feminino produtor de semente, tenaz, firmemente amarrada às cascas de sua cultura. Agarra-se ao sabugo como os grãos; com caules grossos e raízes fortes, ela se prende à terra. (ANZALDÚA, 2005, p.708)

Por meio das atividades coletivas, os ensinamentos e conhecimentos tradicionais são irrigados e enraizados nesse projeto, para tal, são divididas tarefas, com destaque para o engajamento das crianças e adolescentes que são inseridos na educação do campo, por meio de ações como levar os grãos para plantar, realizar pequenas colheitas. Os ensinamentos sobre os modos de produção na agricultura familiar, os valores sobre economia solidária, de subsistência, respeito ao solo e alimentação saudável são inseridos desde cedo na educação das crianças.

Este pensamento coaduna com Menezes (2013) onde afirma que o trabalho com alimentos tradicionais se vincula a importância da preservação do modo de elaboração artesanal desses alimentos. Para a autora, é justamente esta produção artesanal que cativa muitos consumidores que tem preferências por produtos que se distancia daqueles alimentos cada vez mais industrializados presentes nas prateleiras dos supermercados, sendo que esta preferência irá permitir que se construa uma relação de confiança entre os produtores e consumidores, que reconhecem a qualidade do produto.

A inovação e a perspectiva de melhoria econômica, nos diversos cenários geográficos causam impactos conflitantes em diversas categorias. No que tange a comercialização, foi firmado um acordo interno, no qual, cada semana uma das famílias vendem os produtos para sua economia de subsistência, pois, se tratando de uma pequena produção e colheita, o retorno financeiro não superaria os custos após o rateio entre todos os envolvidos no processo.

Considerações finais

A pesquisa evidência elementos comprobatórios, que a ramificação dos conhecimentos empíricos concernentes às atividades agroecológicas investidos no projeto União de Produção Solidária transpassou gerações, consolidou histórias e práticas de manejos, plantios e colheitas de alimentos provenientes de técnicas agroecológicas. Essas ações, são opositoras ao modelo mecanizado de produção do agronegócio (a base de agrotóxico), que prima somente pelos interesses do capitalismo, e despreza/ignora a saúde dos solos, biomas e os diversos modelos de vida da campesina.

O projeto União de Produção Solidária possui as práticas produtivas, manejo e conservação do solo, sob a gerência das mulheres, que possuem uma vasta experiência tanto teórica quanto práticas, adquiridas ao longo das suas vivências nos espaços escolares e não escolares. Os homens (esposos), realizam atividades de carpintaria, montagem de espaços para irrigação e logística, dentre outros.

Assim, as ações são desenvolvidas versadas em conhecimentos empíricos, etnográficos, mas também pautadas em metodologias concernentes as matrizes agroecológicas, pois há um anseio de um sistema agroflorestal posteriormente.

Ressalta-se, o propósito futuro da instalação sistema de Produção Agroecológica Integrada e Sustentável-PAIS, que terá a criação de galinhas ao centro, e em volta as hortaliças, plantio de mandioca e outras grandes culturas, tendo em vista as características do bioma.

Esse estudo nos ensina que, práticas agroecológicas promovem ensinamentos e aprendizagens tácitos sobre ecossistemas e suas subdivisões, em harmonia com uma produção sustentável e alimentação saudável, além de uma troca de saberes históricos ou contemporâneas, que nutre a resistência contra degradação do solo/natureza, reitera suas identidades enquanto quilombolas, (abstrai conhecimentos por oralidades) e respeita a fidelidade e cultural do/a camponês/as. Afinal, “se o campo não planta a cidade não janta”.

Referências

ANZALDÚA, Gloria. **La conciencia de la mestiza / Rumo a uma nova consciência.** Estudos Feministas, Florianópolis, 13(3): 320, setembro-dezembro/2005. P.704-719

BRASIL. **Decreto nº 7.352, de 4 de novembro de 2010.** Dispõe sobre a política de educação do campo e o programa nacional de educação na reforma agrária - PRONERA. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20072010/2010/decreto/d7352.htm. Acesso em: 28-06-2021.

CLAVAL, Paul. *La géographie culturelle.* Paris: Nathan. 1995.

GOMES, Nilma Lino / **Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo.** Educação e Pesquisa, São Paulo. V.29, n.1, p.167-182, jan./jun.2003

GONZALES, Lélia. **Lugar de negro** / Lélia Gonzales e Carlos Hasenbalg. – Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982. Coleção 2 Pontos; v. 3.

HAESBAERT, Rogério. **O Mito da Desterritorialização**: do “Fim dos Territórios” à Multiterritorialidade. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009. B. E HAESBAERT. R. (Orgs) Identidades e territórios: questões e olhares contemporâneos. Rio de Janeiro: Access, 2007. 136p.

HALL, Stuart; **A identidade cultural na pós-modernidade** tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LEAL, Inara; TABARELLI, Marcelo; SILVA, José Maria Cardoso da. **Ecologia e conservação da Caatinga**. 2ª ed. – Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2005. 822 p.

LUGONES, Maria. **Rumo a um feminismo descolonial**. *Estudos Feministas*. V. 23, N. 03, 2014, p.935-952.

MENEZES, Sônia de Souza. **A força dos laços de proximidade na tradição e inovação no/do território sergipano das fabriquetas de queijo**. 2009. 359f. Tese. (Doutorado em Geografia). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2009.

MENEZES, S. M. M. Alimentos Identitários: uma reflexão para além da cultura. *GeoNordeste* (Edição especial), São Cristóvão/SE, v. 24, n. 2, Jan./jun. 2013.

MEZADRI, Adriana (orgs). **Feminismo camponês popular**: reflexões a partir de experiências no Movimento de Mulheres Camponesas. 1ª. Ed. – São Paulo: Outras Expressões, 2020. 189 p.

PANDOLFO, Marcos et al. **Guardiões da Agrobiodiversidade: estratégias e desafios locais para o uso e a conservação das sementes crioulas**. In: *Revista Agriculturas: experiências em agroecologia* v.11, n.1. 2014.

PINHEIRO, Sebastião. **Agroecologia 7.0** Atualizada Comemorativa – 2018, 666 p.

Disponível em:

https://www.bibliotecaagptea.org.br/agricultura/agroecologia/livros/Agroecologia7.0_fi nal_PDF.pdf, acesso em 29 de Junho de 2021.

PRIMAVESI, Ana. **Cartilha do Solo como reconhecer – e sanar seus problemas**. Fundação MokitiOkada, 1ª edição – setembro de 2009.

SANTOS, Thais Moura; FILHO, Eraldo da Silva Ramos. **Protagonismo feminino na conservação das sementes crioulas no território do alto sertão de Sergipe**. *Revista OKARA: Geografia em debate*, v. 14, n. 2, p. 355-370, 2020. ISSN: 1982-3878

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização - do pensamento único à consciência universal**. São Paulo: Editora Record, 2000.



III Congresso Internacional
V Congresso Nacional

25a 28
Agosto 2021



SANTOS, M.G. and QUINTERO, M., comps. **Saberes tradicionais e locais: reflexões etnobiológicas** [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018, 191 p. ISBN; 978-85-7511-485-8